

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

Rua Ouvidor 109



-!!!!!!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 25 DE JANEIRO DE 1895.

O FAVORITISMO

Um acto aparentemente insignificante do governo despertou ha pouco na imprensa acres censuras. E' que delle transpareceu um perigo, que todos acreditavam removido do caminho da administração republicana.

Dous lentes, um de pathologia geral da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e outro de obstetricia da Faculdade da Bahia, requereram permuta de cadeiras.

O governo, apparentando imparcialidade e respeito á lei, pediu a informação dos respectivos corpos docentes, isto é, das duas congregações a que pertenciam os referidos professores.

A da Bahia, talvez porque o requerente se chamava Rodrigues Lima e era irmão do governador do Estado, quiz ser a mais benevola possível no caso e respondeu «*que não havia inconveniencia*» na sollicitada permuta de cadeiras.

A do Rio de Janeiro, com um pouco mais de hombridade, mas desejosa tambem de não offender cruamente um collega que passa por distincto, informou «*que não podia julgar da competencia do Dr. Rodrigues Lima para a cadeira de pathologia geral.*»

Deante de semelhantes respostas evasivas, o governo tinha claramente traçado o seu caminho e indicada a sua decisão, porquanto a lei diz, de maneira a não deixar duvida:

«E' licito aos lentes permutarem entre si as cadeiras que regerem, contanto que haja requerimento ao governo e *approvação da Congregação, quanto á vantagem e conveniencia da permuta.*»

Evidentissimo está que, dizendo apenas um dos corpos docentes «*não ha*

inconveniencia», e dizendo o outro «*não conheço as habilitações do candidato,*» falhava de todo uma das condições legaes: a *approvação da Congregação* quanto á *vantagem e á conveniencia da permuta.*

Consequentemente esta não era licita, e, como um governo honesto não deve fazer o que não é licito, o requerimento tinha de ser indeferido.

Pois assim não succedeu. O Sr. Presidente da Republica, que proclamara com applauso geral da nação o seu religioso respeito á lei, saltou desasombradamente por cima d'ella e autorizou a permuta, que sorria aos interesses de seu medico particular.

Por outras palavras isto significa: o governo proclamou-se juiz das habilitações scientificas de dous professores, sem que elles houvessem provado tal competencia em concurso e contra o parecer de uma Congregação; melhor ainda, o governo nomeou por decreto dous lentes de Faculdades de Medicina com a mesma sem cerimonia com que um dictador nomearia lente de chimica um dentista.

Que differença ha entre este procedimento abusivo e o do marechal Floriano Peixoto quando nomeou a um medico, aliás distinctissimo, membro do Supremo Tribunal Federal? Nenhuma. E' o arbitrio, e o arbitrio é o coveiro das liberdades.

Eahi está porque a opinião publica sobresaltou-se. O desembaraço com que se posterga a lei e com que o poder executivo pretende absorver as attribuições de corporações docentes é indício franco de que outras illegalidades estão no dominio do possível.

Ora todos nós acreditavamos ingenuamente que, se ao Sr. Presidente da Republica faltava certa energia para cortar abusos e romper a cadeia com que os partidos jacobinos o procuram manietar, sobrava-lhe entretanto este precioso predicado: o respeito á lei. A nação brasileira, victima da prepotencia e da loucura por espaço de tres longos annos fatidicos, tinha sêde de respeito á lei, e embalada nesta esperança fagueira acclamára com enthusiasmo o novo chefe do Estado, que fizera delle o seu programma a 15 de Novembro de 1894.

Hoje, deante d'este favoritismo

desbragado, a opinião publica estremece com razão, vendo desfeito o seu sonho e receiando golpes mais profundos.

Aonde quer conduzir-nos o poder que se deslustra com o arbitrio?

UM AVISO

Ha mais de 20 annos que estou na imprensa brasileira e durante este longo tempo só me tenho occupado dos negocios publicos, censurando ou louvando com toda a imparcialidade e sem distincção de partido os actos dos que occuparam funções publicas, desde as mais altas até as mais modestas, não tendo outro fim senão corrigir abusos ou erros politicos ou administrativos que me pareciam interessar o progresso tanto moral como material deste paiz, e o publico — o verdadeiro publico — que se interessa por elle.

E' possível que nas minhas apreciações criticas tenha sido, na opinião de alguns, mais ou menos aspero e severo.

As circumstancias muitas vezes o exigem, assim como o genero de uma folha humoristica e satyrica; — por exemplo, na importante questão social da abolição.

O publico sensato viu que, tanto nessa occasião como em outras, não era o meu interesse que eu visava, mas sim o do paiz, que entendi dever prescindir de uma instituição que só servia para desprestigial-o perante o mundo civilizado.

O publico sensato, e aquelle que me conhece de ha longos annos, sabe tambem que nunca me servi do meu *crayon* nem da minha penna para offender quem quer que seja, na sua vida intima ou privada, com a qual nada tenho que ver.

Distingui-me assim dos que não duvidam enlamear as mãos para sujar a outros, descendo á mais baixa categoria de immundos corsarios.

Siuto a maior repugnancia contra esses miseraveis, verdadeiro lixo da imprensa que felizmente vai pouco a pouco desaparecendo; e sinto-me deveras contente de notar que nos jornaes diarios que se publicam nesta capital, já não se aceitam sem escrupulo, moftas ou artigos insultuosos.

A limpeza porém não é total, e ainda existem alguns desses miseraveis.

Sou obrigado a dizer-lhes, e isto vai a quem toca:

Se qualquer das pessoas que fazem parte da empresa do *D. Quixote* soffrer alguma offensa grave em questões da natureza dessas a que me referi, eu lhes dou a minha palavra de honra que em occasião opportuna lhes cortarei as orelhas ou lhes inflingirei correção identica, em lição tal, qual a merecem.

A. AGOSTINI.

LOCOMOTIVA ROUBADA

O caso referido ha dias pela *Gazeta de Noticias*, do roubo de uma locomotiva, é o mais singular e o mais original que se pôde imaginar!

Roubar uma locomotiva, é evidentemente um signal de grande progresso feito entre nós pela arte da rapinagem!

A gatunice está adiantada, nem ha negar. Tem-se roubado dinheiro, votos, cavallos, mulheres, roupas, sentenças, autos, o relógio do chefe de policia, e até o socego de muita gente pacata. Já tinhamos no genero uma instituição positivamente nossa—o conto do vigario. Mas attingir a gatunagem á essa perfeição—o roubo de uma locomotiva, com todo o carvão, ás barbas do agente da estação e demais empregados,—chega a ser um cumulo.

Segundo a *Gazeta*, o pandego que fez a pilheria, chegou á estação do Sitio e viu a machina, que estava a espera da hora, para ir engatar-se ao comboio e seguir viagem por ahi fóra, bufando, apitando e fumando doidamente.

Vel-a e annul-a foi obra de um momento. E para logo o sobredito pandego, encontrando-a só, desamparada, d'ella aposou-se. Subiu, tomou conta da alavanca... e agora o vereis: arredem que ahi vai gente.

O homem tinha lido Zola. Recordava-se da Lison, a heroína da *Bête humaine*, eil-o a dirigir a locomotiva, passando pelas estações como um raio e indo em caminho do incognoscido, n'uma carreira vertiginosa, fantastica, apavorando as populações e enchendo de susto os empregados extremunhados das *gares* perdidas pela linha deserta.

Afinal, a Lison encontrou o ponto final, o embaraço que a impediu de ir até o infinito: exgotara-se o carvão... e tambem a sapiencia do gatuno.

Isto é simplesmente pavoroso, terrivelmente melodramático! Roubar uma machina de estrada de ferro, como se roubasse um simples alfinete, denota ser o gatuno um sujeito de *muita força!*

Estou aqui, estou a ver a gatunagem aprimorada e completa, roubar o edificio inteiro da estação Central, no Campo, e armazens circumjacentes; levar para casa o Pão de Assucar; esconder na algibeira do collete o agente Bastos e toda a sua história a Ponson Terrail; furtar o Itamaraty com todos os lentes de partos alli creados e a propria Faculdade de Moraes.

Assim aperfeiçoada, a gatunagem indigena é capaz de pregar-nos uma peça de máu gosto e dar-nos um prejuizo incalculavel: roubar o nosso monumento de gloria, o precioso thesouro que nos foi legado pela legalidade:—a pessoa do Dr. Furquim Werneck e mais todos os serviços por S. Ex. prestados ao districto federal! Pedimos providencias ao Dr. Chefe de Policia!

Valei-nos Dr. André Cavalcanti! Pelos oculos do Dr. Thomaz Delfino, pelo cavaignac do Dr. Carijó, pela cartóla do Dr. Laffayette Andó, valei-nos!

FELIX.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote*, (assignaturas 25\$000 réis por anno para a capital, 30\$000 réis para os Estados) vai vivendo menos mal de saúde apesar do calor e da tarifa da alfandega.

E' que felizmente ainda nenhum de

nós foi encontrado pelo Instituto Sanitario Federal, o inventor e introductor das experiencias *in anima vili*.

**

Hontem, dia de Nossa Senhora da Paz, nao houve nenhum descarrillamento na Empreza Fabricadora de Catastrophes Barbaras (E. F. C. B.).

O caso foi tão altamente extraordinario e surprehendente, que telegrammas relativos ao importante facto foram transmittidos para diversas praças europeas.

O cambio subiu;— e o trem da serra desceu. Ambos sem abalo nem complicações.

**

A *Noticia* já terminou a publicação do manifesto do deputado José Carlos de Carvalho, dirigido aos seus eleitores do districto federal.

Agora vai ser esse manifesto publicado em brochuras, constando de tres volumes *in folio*, de 200 paginas cada um. Os eleitores têm leitura para dois mezes.

**

Noticiou o *Paiz*, em sua secção telegraphica, que no mesmo dia Piérola luxou um pé, no Perú, e Victor Bonaparte luxou um braço em Roma.

Foi um dia de luxos, esse!

**

Diz a *Cidade do Rio* que de Londres sahio uma esquadra, levando o almirante uma carta de prégo; e que tambem uma carta de prégo levou o commandante do *Benjamin Constant*, ha pouco sahido do porto do Rio de Janeiro.

Com tanta carta de prégo não nos quererão pregar alguma?

Ou são cousas do Sr. Alves de Faria, o auctor das *Cartas de Prégo*, da mesma *Cidade do Rio*?

**

Pavoroso telegramma, no retumbante serviço diario da *Noticia*:

«Caracas, 23 — A effigie de Salisbury foi enforcada e fusilada na praça publica.»
Terriveis os de Caracas!
Caracoles!

**

Em seu manifesto ao povo de S. Paulo, o Sr. Campos Salles, candidato á presidencia d'aquelle estado, diz na synthese final: «Meu ideal no governo é Justiça e Liberdade: a Liberdade na vida politica, a Justiça na vida social.»

Só isso, e só assim. Nada de liberdade na vida social; para longe a justiça na vida politica.

Bem bom.

**

A Agencia Favas communicou aos jor-

naes, no mesmo dia e no mesmo papel de seda:

1º Que a praça de Makallé se havia rendido aos choanos, por falta de viveres:

2º que a praça de Makallé continuava a resistir heroicamente e que até o tenente coronel Galliano dera agua e vinho á sua guarnição.

De onde se conclue:

1º que o serviço da Favas é que rende muito;

2º que a Favas deve ir plantal-as.

Os reporters,
ESCENA & MONTRY.

O NOSSO FRONTISPICIO

Os nossos leitores viram estampado na primeira pagina do ultimo numero o tremendo desastre que poderia ter sido fatal não só ao *D. Quixote* como ao *Sancho*, ao celebre Rossinante do nobre fidalgo e ao querido Russo do seu fiel escudeiro.

Esse grande caixão continha o frontispicio definitivo para o nosso jornal, vindo directamente da Europa. Excusado é dizer que ficou reduzido a cacos.

Sancho está inconsolavel e pretende que este lamentavel successo foi praga de alguns assignantes que preferem vel-o ás voltas com frontispicios de sua lavra, embora mais toscos e incorrectos.

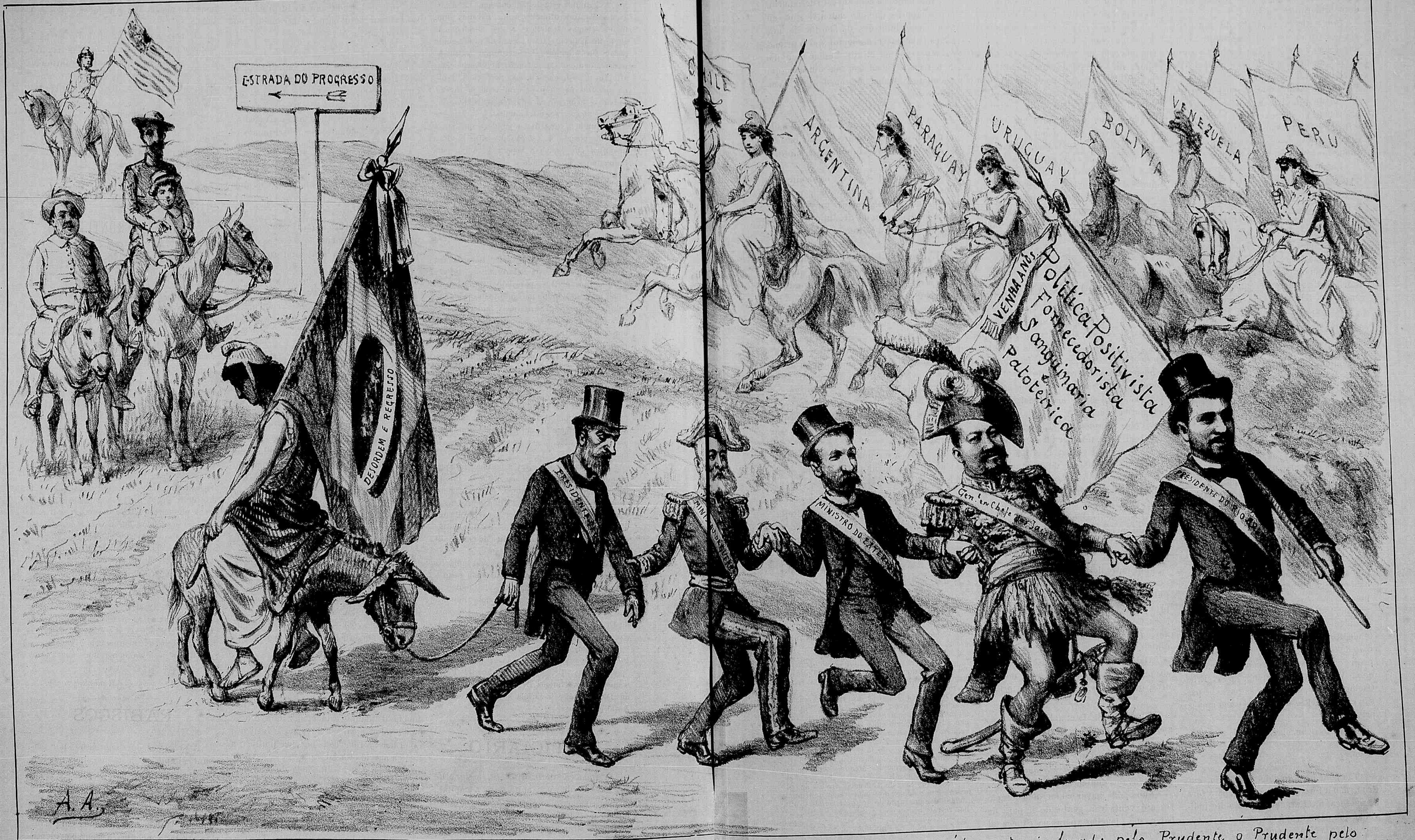
Sancho confessa que não é pintor de letras, nem entende desta cousa; que desde o principio da publicação de nossa folha fez uns poucos de frontispicios provisorios, acontecendo-lhe toda especie de desventuras que muito divertiram o publico e nas quaes elle não achou graça alguma; que elle deseja ver-se livre de uma vez dessa massada, mas que entretanto á vista do fatal acontecimento, elle está prompto a pôr mãos a obra outra vez, até que venha outro em substituição do estragado.

E isto dito, *Sancho Pança* comprimenta os amaveis assignantes em geral, e em particular áquelles que tiveram a boa lembrança de reformar as suas assignaturas, assim como aos cidadãos que vieram ao nosso escriptorio tomar novas, engrossando assim o numero das pessoas de bom gosto que honram com os seus nomes sympathicos o nosso importante e nunca assás grande livro de assignantes.

A administração.

RABISCOS

A promessa do Congresso — por emquanto simples projecto que ainda não soffreu a primeira discussão — de premiar com trescentos contos ouro (são novecentos da *outra qualidade*) a quem descobrir o meio de dar cabo da febre amarella, tem feito com que a classe medica ande em polvorosa e trate de encontrar o recurso evidente



D. Quixote. — Ao passo que as mais nações americanas galopam na estrada do Progresso, a nossa vai em sentido contrario, levada pelo Prudente, o Prudente pelo Vasques, o Vasques pelo Carvalho, o Carvalho pelo Glycerio, e o Glycerio pelo Castilhos.
 Anno 96 — E o Castilhos?
 Sancho P. — Pelo diabo!

para matar a bicha, para por sua vez o feliz descobridor *matar o bicho*.

Anda á baila a questão da serumterapia (escrevamol-o com *h*: serumtherapia) que foi ao mesmo tempo lembrada por diversos medicos, e entre outros pelo Dr. Abel Parente.

Ha um medico que, ao que parece, tem direito de reivindicar para si os fóros de prioridade na descoberta ou lembrança; é o Dr. Miguel Couto, que ha tres annos ensaia esse processo, e d'isso deu conta ao publico em publicação scientifica.

Entretanto, em meio da contenda, na qual vejo empenhados quatro facultativos, affigura-se-me que quem tem razão é o Dr. Parente e que é d'elle que nos virá a afortunada demonstração da efficacia do tratamento em questão...

S. S. que tem sido o propugnador da esterilisação do sexo feminino, está mais do que nenhum outro nas condições de tornar esteril mais essa representante do mesmo genero — a febre...

Vou pelo Dr. Abel.



Muito mais do que pelo Dr. Prudente, a quem deu-lhe agora para inventar professores de medicina, com a mesma facilidade com que poderia inventar coroneis da guarda nacional.

Em verdade a tal celebreira da permuta de cadeiras entre professores das nossas duas faculdades de medicina, foi de se lhe tirar o chapéo: o Sr. presidente da Republica entendeu que podia nomear lente de partos de uma faculdade, como nomeia os chefes de sua casa militar—livremente.

Est modus in rebus. E o Sr. Dr. Prudente de Moraes, que acaba de dar uma cincada formidavel, deveria desde logo, a fazel-a assim, fazel-a completa. Que despachasse lente de partos, na faculdade da Bahia, o Sr. Bernardo Vasques, por exemplo.

Em todo caso, n'este incidente, o Sr. presidente da Republica mostrou que entende de obstetricia, elle mesmo! Foi um caso de dystocia terrivel, mas S. Ex. sem pedir emprestado o forceps do Dr. Furquim Werneck ou a colher do Sr. Erico Coelho, fez um, dois, tres... passe! e passou cá para o Rio de Janeiro o seu medico privado.

Emerito gynecologista, o Sr. Prudente de Moraes!



Tão bom como o delegado Carijó, que tirou, não a forceps mas á força, para fora de sua toca, nas Lorangeiras, aquelle individuo que conservava em carcere privado uma pobre velha e embriagava-a diaria-

mente, com o fim utilitario de dar-lhe cabo da pelle e constituir-se seu herdeiro.

Este typo é cultor dos romances de Montepin, com toda a certeza! A sem cerimonia com que operava no seu negocio, a impassibilidade com que affrontava as justicas da terra, no desenvolvimento do seu romance ao vivo, provam que este sujeito educára fortemente o espirito no estudo cuidadoso dos entrecchos criminosos dos Féval e dos Capendu!

Safa! Vinho do Porto e vidro moido—e uma herança em prespectiva. Vai com vistas ao Sergio Cardoso, da *Cidade do Rio*, que é dado a fazer romances de capa e espada: melhor enredo não ha.

O protagonista dá o vinho do Porto á victima e depois fal-a engulir a garrafa — moida. E' commodo, barato e de seguro effeito.

LÉO

NO BORRALHO

N'aquelles tempos da monarchia houve um barbeiro extremado em politica que tomou por lemma de sua bandeira o distico *libertas quoe sera tamen*. Isto deu com o homem n'uma forcea, alli na rua do Visconde do Rio Branco, e foi depois esquarterado e, para evitar maior mal, salgou-se o logar da execução.

Pobre Tiradentes! E' verdade que hoje tem festa, mas por tal preço ninguem ha de querer tal gloria. Pois ha quem a queira, o Sr. Visconde de Taunay.

O *Commercio de S. Paulo*, orgam dos sebastianistas ferozes, publicou um artigo de S. Exa, que, embora politico, é sempre o cavalheiro de gentil parecer, e quer trate de guerra quer trate do padre Kneipp, quer trate de finanças, não poupa a rethorica.

Foi entre flores, mavioso e elegante, que S. Ex. escreveu, amaldiçoando a republica, que tomava para si agora, a propria phrase do martyr da liberdade brasileira. Como Tiradentes, disse o Sr. de Taunay, eu repetirei sempre, *libertas quoe sera tamen*.

Gabo-lhe o gosto. Deixe isto chegar aos ouvidos do Moreira Cezar ou do Quadros, que S. Exa. vae ver o que é bom.



Tambem o Sr. Laet achou uma phrase amavel para cada seu correligionario de manifesto, só não fallou da muito Amada Soberana do Sr. Carlos Affonso; por isso Fantasio contou pela *Gazeta* que Sua Alteza lavava os dentes na janella.

Não póde haver maior democracia. Dá até vontade a gente de ir para debaixo das janellas aparar na cabeça alguns respingos imperiaes!

Mas Fantasio está ahí está desmentido por Anapurús que não admitte que entrem nas intimidades da familia de brangaça. O homem já asseverou que o primeiro imperador do Brasil nunca teve dor de barriga, é capaz agora de afirmar que a senhora D. Izabel não tem dentes... verdadeiros.



E, por fallar em dentes, haverá nada no mundo que se compare a uma sessão do conselho da nossa intendencia municipal?

Os buracos das ruas, os montes de lixo que enfeitam a cidade, o capim vigoroso e outras bugigangas taes insuflam todos os dias a voz do Sr. Julio do Carmo que brada contra o director das obras publicas.

E' bradar no deserto. Então salta outro e diz que a culpa é do prefeito que não castiga o Sr. Delvechio; um amigo do Sr. Delvechio deffende-o; um amigo do Sr. Furquim deffende o Sr. Furquim. As vozes confundem-se, o presidente chama á ordem a discussão e é senão quando uma palavra energica berra que para concertar o calçamento das ruas e exgotar as lagôas que a chuva faz é preciso aggreir-se o Dr. Prudente de Moraes.

E o Sr. Julio do Carmo, então, protesta que terá essa coragem, porque aprendeu politica de parochia com um seu illustre collega.

Que vem a ser politica de parochia? Ou eu me engano ou aquillo cheira a estado de sitio.



Acautele-se, Sr. Presidente da Republica, acautele-se. V. Ex. ou calça as ruas ou calça as botas para marchar.

Ave, intendencia, te saluta.

GATO PRETO.

O GUNGUNHANA

Cahin ás mãos da gente lusitana o regulo feroz, o Gungunhana.

Não é verso, mas é verdade.

E quem fez a publicação do caso estupendo foi o *Jornal do Brasil*, que deu em sua primeira pagina o retrato do dito sugeito, regulo, feroz e preto.

Ora, á primeira vista esse retrato, era, sem tirar nem pôr, o do general Glycerio quando foi mais gordo e menos federal. Depois reconheceu-se que o sobredito Gungunhana era um velho africano que n'uma rotula entreaberta da rua do Senhor dos Passos vendia bolinhos de bacalhão, emquanto pelas ruas adjacentes a sua companheira annunciava tripas e miudos...

Este Dr. Fernandes Mendes tem cousas, com esses retratos!...

Até o Sr. Luiz de Andrade, orador de primeira agua e deputado frequentador da tribuna, exclamou n'um rapto de oratoria, vendo o alludido retrato:

— E' um delirio!

E é mesmo... de grandezas.

GIL.

A SEMANA

Que lucta, meu Deus, que lucta!
Gastou columnas inteiras
A *Gazeta* com a permuta
Das cadeiras.

Extranha o cambio a collega,
Não admitta a tal mudança
De um doutor que o tempo emprega.
Com creança,

Para ensinar os bons meios
De curar males sem cura.
O bem dos filhos alheios
Nisto apura.

Um sabe pathologia,
O outro entende de partos;
De tanta sabedoria
Estão fartos.

Por isso vão ensinar
O que não podem saber.
Vão ambos principiar
A aprender.

Doutor da pathologia!
Oh! sabio doutor dos partos!
Dizei-me vós que seria
Se em vez das cadeirastrocasseis os quartos?

A Francisca de Jesus.
Que não respeita ninguém,
Foge do nome que tem
Como o diabo da cruz.

Dês que lhe subiu a orelha
O sangue que o ciúme esquenta,
Cresceu-lhe o pello da venta,
Fez cousas do arco da velha.

Pedro José que lhe dava
Roupa, cama e mais comida
Por pouco que lhe entregava
Numa noite a propria vida.

Não admitta a tal Francisca
Que n'um lar haja socego.
Briga, pinta a mania e arisca,
Dando pancada de cego,

Faz cousas taes que José,
Que é senhor da casa sua,
Com certo pontapé
Põe-n'a no olho da rua.

Francisca não desanima.
Vingança o peito lhe abraça,
Da casa de Pedro em cima
Cae, como um raio na casa.

Falha o fogo... Da justiça
Pedro José não cogita.
E o fogo Francisca atica,
Francisca o fogo espevita.

Sopra o vento a labareda
Lambe a casa n'um minuto.
E pasmado e irresoluto
Pedro na rua se queda.

Foi pena de Talião,
Pois, Pedro, a culpa foi tua.
Com razão ou sem razão,
Ficaram ambos na rua.

Que mulherzinha de truz,
Que até da casa deu cabo!
Oh! Francisca de Jesus.
Tu és Francisca do diabo!

F. MENDES.

No dia 18 inaugurou-se o Cassino Hotel de Petropolis, que, como cidade elegante de verão, necessitava mesmo de um Cassino.

Foi uma festa brilhante, muito concorrida, da qual nos deixaram grata recordação os Srs. Lassalle e Echevenia proprietarios, que foram de uma gentileza sem limites.

O Cassino, além do seu serviço admiravel de mesa e do confortavel luxo dos seus aposentos, conta uma orchestra de primeira ordem que dá concertos diarios.

THEATROS

A perspicuidade do meu numeroso leitor naturalmente haverá penetrado o philosophico artigo que acerca dos theatros no Rio de Janeiro tive a honra de traçar para as columnas do *D. Quixote* ultimo.

Meu leitor, além de numeroso, é intelligente; e certo terá comprehendido que aquelle artigo composto exclusivamente de signaes graphics, — pontos de interrogação, admiração, e reticencias — exprimiam com verdade a situação da arte dramatica, actualmente, nesta excellento capital, federal e amarella.

A pasmeira era geral. E só depois d'aquelle espirituoso artigo, escripto aliás com todo o ardor e convicção, foi que tivemos uma *première* no Apollo: — a da *Ilha da Trindade*, peça de Eduardo Garrido, dizem.

Dizem, é um modo de dizer. Dizem os cartazes, que são uns sujeitos mentirosos por indole, profissão e temperamento.

Fôra os cartazes, outros sujeitos que são más linguas — ou antes más pennas — vieram para os papeis impressos e declararam *urbi et orbe* que a sobredita *Ilha* em litigio, não pertencia, nem ao Brazil, nem ao Garrido nem á Inglaterra, mas sim a uns francezes que a escreveram ha tempos, e tanto que, a mesma *Ilha da Trindade* já foi aqui representada ha tempos sob o titulo de *Ilha dos Pyritampos*, e um pouco antes, na propria lingua do original — a franceza.

Habent sua fata... E esta ilha, ou antes esse archipelago perdido no oceano atlantico, morada de carangueijos enormes, tem o seu fadario bem conhecido: é não saber jamais a quem pertence e ser motivo de litigio, contestações e malquerenças — na diplomacia como no theatro.

O *Ilha da Trindade*? E's do Garrido, ou dos francezes? E's do Sr. Carlos de Carvalho ou de Sir John Pender?!

Com mil carangueijos, Trindade! E's muito caipóra!

Pondo de parte a questão de auctoria ou de propriedade, devo dizer que a peça, velha ou nova, retocada ou original, tem muita graça e é bem desempenhada pela companhia do Apollo.

Nem podia ser de outro modo, desde que ligado ao libretto está o nome de Eduardo Garrido, que sabe dar o nome aos bois e, como ninguém, fabricar pilherias de seguro effeito.

Forté inexgotavel — não ha allusão á Sra. Ignez Gomes, hoje ausente —, de graça e de calembourgs, o auctor do *Jovem Telemaco* e da *Pera de Satanaz*, é perito na sua arte; e cousa em que mette a mão (menos n'uma combuca) deve sair boa por força.

D'ahi o successo da *Ilha da Trindade*, que embora haja dado origem a uma questão, vai de vento em popa, e está firmada no Apollo.

Ah! se o Sr ministro das relações exteriores lograsse igual resultado no litigio em que se viu envolvido e em que se emaranhou!

Da musica, escripta por Assis Pacheco, ouvi dizer que tem reminiscencias e que foi escripta sobre a perna.

Declaro em tempo, e para evitar futuros embarras: não sei de reminiscencias; e extranho muito que a empresa do Apollo não offerecesse a esse moço, illustre e habil, uma mesa, para que não se visse elle obrigado a escrever sobre a propria perna uma partitura inteira!

Ainda se fosse sobre a perna da Sra. ... que as tem tão avantajadas que poderiam servir para uma escrevaninha com as competentes gavetas e demais escaninhos...

Excusam de inquirir quem é essa actriz, de inolvidaveis glorias, cujas extremidades inferiores são tão superiores.

E' de seu direito buscarem saber que mais houve de novidades, a respeito de theatros.

Nada, meus caros. Tudo como d'antes, no quartel-general de Abrantes.

O Recreio abre suas portas todas as noites para

uma concurrencia que se espalha pelo jardim, á procura de aventuras e, baldado esforço! de mulheres bonitas. A zarzuela lá no palco, tem menor numero de admiradores, e vai se espreguicando somnolentemente, enquanto pelo jardim comedias mais vivas são exhibidas sem ensaios e verdadeiras peças são mais ou menos applaudidas.

No Variedades a empresa Ismenia & Dias Braga, firme em seus principios, prosegue na faina de não deixar empoeirar o antigo repertorio; e, fogo no publico: *Remorso Vivo*, *Conde de Monte Christo*, *Anjo da meia-noite*, e mais outras peças que já fizeram as delicias dos nossos pais e avós, e ao que parece ainda hão de embalar os nossos netos.

E para não faltar uma promessa de novidade futura, annuncia-se para breve a primeira de uma revista — *Pão pão, queijo, queijo*, escripta por dous actores. Um escreveu o queijo, o outro o pão.

A cousa caminha bem, assim. Do momento em que a arte dramatica vai em descabro, em que a respeito de theatros tudo anda torto, não é muito que se veja a inversão da ordem natural das cousas, e os senhores artistas, fatigados de representar velharias, passem elles mesmos a escrever as peças que devem desempenhar. Ainda ha pouco, vimos ir á scena do Lucinda o *Burro de carga*, que por signal arriou-se logo, revista escripta pelo actor Cardozo da Motta; agora, nova revista escripta pelos actores Demetrio e Orlando...

Invertidas as posições, os nossos auctores dramaticos e os nossos comediographos têm de subir ao palco e assumir o lugar que lhe está assignalado: que o Sr. Figueiredo Coimbra represente a *Mariquinhas do Morgadinha de Val Flôr*? Que o Sr. Moreira Sampaio faça o capitão Tiberio do *Fantasma Branco*? Que venha á scena o Sr. Vicente Reis no papel de *Ignez de Castro*? Que o Sr. Arthur Azevedo se encarregue do papel de protagonista no *Anjo da meia-noite*...

Olhem lá: este ultimo, bigode á parte, não nos fará saudades da creadora do papel, a Sra. Ismenia, e hade igualal-a, pelo menos... em carnes.

Passarão de auctores a actores: questão simplissima. De um "u, nada mais; o e fica.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

GUIA GERAL da Exposição Industrial, offerecido a esta redacção pelo Sr. deputado José Carlos de Carvalho. Este trabalho, methodico, completo, organizado com o maior escrupulo e cuidado, é devido á actividade extraordinaria do fallecido Dr. Colombo Leoni, um benemerito. Esse ultimo documento, deixado pelo illustre morto, prova á sociedade quanto elle era expedito e como sabia desempenhar-se com gloria de todos os encargos de que era incumbido.

SABÃO RUSSO, preparado de Jayme Paradedda. Trata-se de uma preparação therapeutica que tem por si attestados valiosos de muitos medicos, e ainda mais: a evidencia revelada de suas virtudes, na pratica, por pessoas que do *Sabão Russo* se tem servido para os casos de queimaduras, nevralgias, reumatismos, etc. Recommendal-o é fazer justiça á sua utilidade.

Isto vai cá no fim; fôra da conversa com os leitores, que nada tem com este caso.

Um individuo que se suppõe escriptor por estar alugado a uma folha, escreveu umas parvoices que parecem dirigidas a um dos redactores do *D. Quixote*, sem saber o que dizia, mas sómente sabendo que n'esse dia receberia mais uns nicks de gorgeta, acima do aluguel.

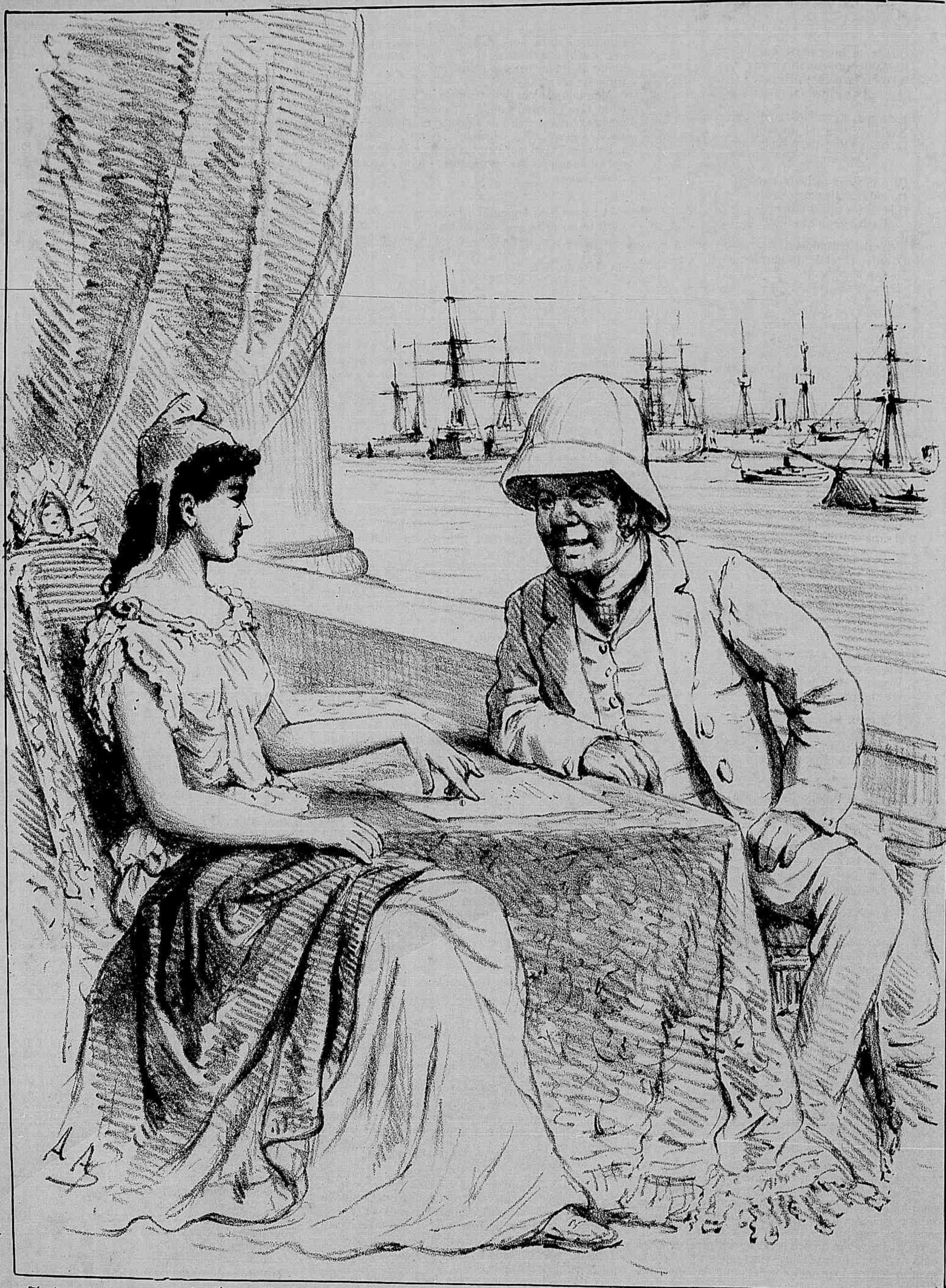
Se fosse um jornalista, e não o assalariado do surdo-mudo que muito convencidamente faz de deputado no Congresso Nacional, certo é que não teria respondido com uma arrieirada torpe a duas linhas de inoffensivo humorismo. Não sendo jornalista, não merece resposta, dir-se-ha. Merece-a, sim; não nas columnas da folha. Tel-a-ha, em tempo; e nem perderá por esperar. Até lá, gaste com ordem o *pourboire* que recebeu do patrão.

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL

(D. Quixote.)

O fiador da Republica Argentina

(Rio Janeiro)



John Bull. — Aôh! Querre mais encouraçadas?
Rep. Argentina. — Y entonces? En nuestro acuerdo no es el Brasil que
deverá pagarle? J. Bull. — Yes. Mas precise arranjar pretexto para una
guerrasinha... Rep. Arg. — Sin duda; el mismo irá a darnos ocasion.
Espere usted, caballero. J. Bull. — Very well!